

# MARÉ RUA

DIRECTOR: (interino) VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I N.º 14 — PREÇO 3\$50 — 29/9/76



## a outra face da cidade

A despreocupação duma criança, que alheia ao mundo que a cerca, aos problemas cujas soluções se adiam ou se destroem, brinca com a imagem reflectida numa poça de água. Para ela a vida será a transferência, a eterna vontade de brincar, de imaginar, de sonhar, inventar em cada fragmento do quotidiano, em cada pedaço do concreto, mundos de ilusão. A água é algo de novo para ela, é algo que não conhece, mas que enfrenta, sem temer, porque confia. Aquela poça será um extenso e ondulante oceano, um plácido e cristalino lago, tudo o que ela quiser.

Mas não passa duma simples e banal poça de água, como uma pedra

não passará duma insignificante pedra, para as duas mulheres, que descansando momentaneamente duma vida sem paragens, contemplam um passado que marcou e um futuro que escapa.

Para elas, açoitadas por um dia-a-dia carregado de pequenos e grandes espinhos, aquele é mais um bocado de tempo que passa, rumo ao vazio, ao nada.

E nas suas mentes, não existem sonhos, não existem extensos oceanos, ou cristalinos lagos. Os géneros que escasseiam, os preços que sobem, os salários que minguam, são a constante, o destino irrefutável.

Uma criança que brinca, entre o passado e o futuro.

## TRANSPORTES URBANOS

### FINALMENTE HÁ INTERESSADOS

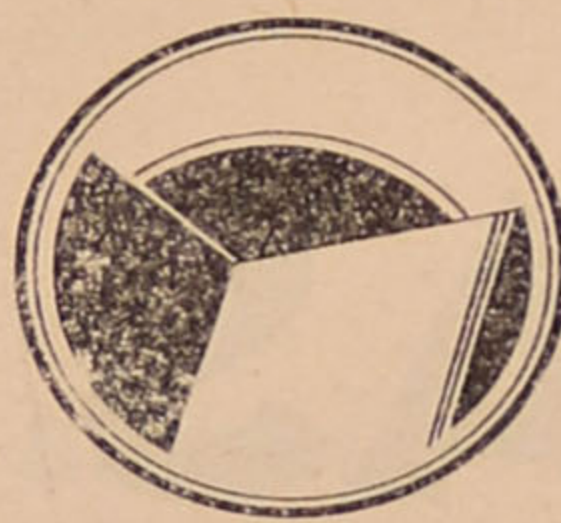
Iniciado em Março de 1974, o processo conducente à criação dos transportes urbanos conheceu várias fases, desde que a Comissão Administrativa da Câmara fez seguir para a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres o respectivo caderno de encargos e a documentação necessária para a abertura do concurso público. Desde essa altura, em Março de 1975, até à aprovação do concurso por aquele departamento, decorreram longos meses. Finalmente, em Novembro de 1975, o plano foi aprovado e foram tornados públicos os editais.

A partir dessa altura, a palavra cabia às empresas de transportes de passageiros da região. Estas, no entanto, não se pronunciaram, mostrando-se desinteressadas pelo projecto. A propósito disso, tivemos aqui a oportunidade de apresentar depoimentos dos vários sectores da população e dos responsáveis pelas empresas A. V. Feirense, A. V. Grijó, U. T. Carvalhos e A. V. Espinho, que pela sua dimensão nos pareceram mais capazes de poderem «pegar» nos transportes urbanos. Para a sua posição negativa, alegavam, entre outras razões, o risco que o empate de capital a fazer implicava, a falta de garantias apresentadas no concurso e pouco optimismo quanto ao movimento de passageiros.

Entretanto, a generalidade das pessoas que abordámos mostrava-se

(Conclui na página 2)

## COOPERATIVA



## NASCENTE

# MARÉ RUA

### DE SEMANA A SEMANA

## A INTEGRAÇÃO NA EUROPA

Portugal acaba de ser admitido no Conselho da Europa. A assinalar o facto, a bandeira nacional foi hasteada ao som do «Cântico da Alegria». A propósito, Medeiros Ferreira falou da vocação europeia dos portugueses, enquanto o Presidente da República sublinhava a ocorrência com o envio de uma mensagem.

O pedido de admissão no Conselho da Europa, a que se vai seguir o pedido de adesão à CEE, já anunciado pelo Primeiro-Ministro, são decisões que comprometem o País para além da existência do próprio governo que as toma. Por isso nos parece justificar uma séria reflexão sobre elas.

A integração na Europa, e

particularmente no Mercado Comum, vai exigir medidas que irão condicionar fortemente o futuro dos portugueses; por isso ela é passiva de desencontradas opiniões.

Medeiros Ferreira não deixará de ter razão quando, no seu discurso de Estrasburgo, nos diz que, praticamente, nós já estamos na Europa. De facto, na Europa está, e trabalha, e sofre mais de um milhão de portugueses. E esse é um dado importante do problema. E também é verdade que esse milhão de trabalhadores não pode continuar a descoberto de qualquer protecção oficial.

Por outro lado, da presente realidade política nacional parece

dever concluir-se que a importante questão a pôr e a debater não será a de entrar ou não entrar na Europa, mas antes a de como entrar, a de como aderir.

As formas de adesão poderão ser várias. O importante é escolhermos a que melhor se harmonize com o nosso estado de desenvolvimento e com os imperativos de independência exigíveis por um povo que se quer a caminho do socialismo, para assim entrarmos na Europa e não sermos abafados por ela.

Esta a questão fundamental. Tão importante que nos parece transcender o próprio Governo pois diz respeito a nós todos e a todos os que virão depois de nós.

Fazendo o «rescaldo» das Festas da Senhora d'Ajuda, resolvemos verificar directamente uma das vantagens que os festejos trariam para a Cidade, segundo muita gente (incluindo entrevistados do último «Maré-Rua»), ou seja, o aumento do negócio para o Comércio.

Como o espaço e o carácter destas colunas não prevêm um tratamento vasto e simultaneamente profundo dos temas, escolhemos um ramo do Comércio local mais susceptível de lucrar com a afluência de forasteiros à Cidade: as casas de «comes e bebes», os cafés, as «tascas».

Arrumando os estabelecimentos a ouvir por zonas, começámos a nossa reportagem pela da Feira, mais propriamente pelo café «Brisa do Mar»:

«Olhe, o negócio pode-se dizer

(Continua na página 7)

# TRANSPORTES URBANOS

(Continuação da página 1)

altamente interessada na criação de transportes eficientes e rápidos, que beneficiariam especialmente a população escolar.

Face à situação de impasse criada, a C. A. da Câmara remeteu para a D. G. T. T. propostas de alteração ao plano de encargos, de modo que fossem oferecidas mais garantias às empresas rodoviárias, e se pudesse conseguir com que algumas revissem a sua posição.

A D. G. T. T. ainda não se pronunciou, mas enquanto isso as perspectivas de solução do problema foram consideravelmente enriquecidas. Apareceu finalmente alguém interessado no projecto e, surpreendentemente, da parte de uma empresa sem as dimensões das que atrás referimos. Trata-se de um grupo de motoristas, empregados de escritório e outros trabalhadores ligados à agência de viagens Praia Sol, sita em Espinho, e que se propõem constituir em empresa e tomar a seu cargo os transportes urbanos, pondo contudo algumas restrições à forma original do concurso.

À primeira vista arrojada, a intenção deste grupo de trabalhadores será de louvar, pois revela pelo menos vontade de avançar para uma iniciativa, cujo interesse é indiscutível.

Seria do máximo interesse ouvirmos alguém ligado a esta empresa, mas infelizmente tal não nos foi possível esta semana. Procuraremos fazê-lo para o próximo número e guardar para então o optimismo que esperamos poder vir a justificar-se.

## O «FIEL AMIGO» ESCOLHE OS AMIGOS...

Do bacalhau, muito se tem dito: que é uma delícia, que «fazia» uns pratos que eram um primor, que escasseava, que faltou. De facto, parece que o «fiel amigo» se prestou a desaparecer dos nossos pratos. Mas parece que ainda há alguém que se regala em comê-lo como prato habitual. Vem isto a propósito do que nos contou o sr. José Ramiro de Oliveira Coelho, da Idanha, comerciante retalhista, que não tem tido na sua loja, bacalhau para vender aos seus clientes habituais. Paralelamente a esta falta, o sr. Ramiro, tem no entanto certeza (porque viu) que há fornecedores, que dizendo não ter bacalhau para os retalhistas, o vão vendendo a amigos e familiares. Que o bacalhau era já uma regalia no nosso país, tínhamos a certeza, mas que escolhia os seus compradores, isso não! Queixam-se os revendedores e os seus fregueses da falta de bacalhau. Brincam os fornecedores ao vendê-lo a quem lhes dá na «real gana». Fica pois o apontamento que nos foi contado pelo sr. Ramiro para que possamos dele ajuizar.

## MARÉ VIVA

### SEMANÁRIO

#### Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º  
Telef. 921621

ESPINHO

#### Director (interino)

Victor Sousa

#### Fizeram este número:

Ana Maria; Antero Monteiro; António Capelo; António Letra; Augusto Mota; António Santos; Ema Letra; Fausto Neves; Joaquim Fidalgo; Jorge Catarino; Laura Gaio; Morais Gaio; Vítor Sousa.

#### Colaboração especial:

Alberto Barbosa e Camilo Pina Cabral.

Composição e Impressão  
Oficinas Gráficas

da Casa Nun'Álvares — Porto

# NO TI CI AS

## INSULTOS

Quando rotineiramente o agente da P. S. P. se deslocou até junto da viatura do sr. Joaquim Fernando Soares Ferreira, de Lamas, inquirindo do selo do carro, não esperava a recepção com que o dito sr. o atendeu. De facto e após recusar prestar declarações acerca do selo, o automobilista foi mais longe, insultando mesmo o agente policial. Este, não contente com o ocorrido, tomou providências e mandou o provocador para a esquadra. Daí será dado o devido despacho do caso. O sr. Joaquim prestará não só contas do selo, como também dirá das suas «habilidades» de insultar.

## TALHO e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes  
Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

## CINEMAS

### S. PEDRO

Dia 29, Quarta-feira — «A Torre do Inferno» — Maiores de 18 anos.

Outra vez? De novo, entre nós, a mais recente superprodução do cinema norte-americano, que à custa de competentes técnicos e actores de nomeada tem constituído um êxito de bilheteira. Se não viu, experimente. Mas não se deixe contagiar!

Dia 30, Quinta-feira — «Os Malditos» — Maiores de 18 anos.

O filme da semana! Não perca por nada deste mundo esta obra de Luchino Visconti. Uma denúncia violenta do nazismo, da poderosa máquina de destruição que constituiu o III Reich de Hitler, para a Alemanha e para o mundo.

Dia 1, Sexta-feira — «O Poder do Mal» — Maiores de 18 anos.

Arriscar é muitas das vezes a nossa solução. Se não tivermos outra hipótese alternativa.

Dia 2, Sábado — «Wang Yu, o Invenível» — Maiores de 18 anos.

Pois claro, nem podia cá faltar o «Kung-fu!». Que mais dizer acerca destes estuprificantes produtos?

Dia 3, Domingo — «Emanuelle a Anti-Virgem» — Maiores de 18 anos.

Um fim-de-semana em cheio. Depois de «Karaté», berros, pernas e pescoços partidos, o corpo da Emanuelle, as camas, os suspiros.

E é este tipo de cinema que temos ao nosso dispor!

Dia 5, Terça-feira — «Curandeiro de Alcova» — Maiores de 18 anos.

No dia em que se comemora a implantação da 1.ª República, aparece-nos este «curandeiro». E de curandeiros estamos a ficar fartos.

### CASINO

Dias 29 e 30, Quarta e Quinta-feira — «Justiça de Mulher» — Maiores de 18 anos.

«Quente como fogo... Dura como aço!» Os argumentos suficientes para fugirmos.

Dia 1, Sexta-feira — «Pipi nos Mares do Sul» — Tarde — Maiores de 6 anos. Noite — maiores de 10 anos.

Uma das poucas hipóteses que as crianças têm de ir ao cinema, ainda que os filmes continuem a não ser ainda os mais indicados.

Dia 2, Sábado — «Meia Noite de Prazer» — Maiores de 18 anos.

Parece-nos que esta película de Marcello Fondato, com Claudia Cardinale, Vittorio Gassman e Marcello Mastroianni, não constiuirá um mau momento de cinema. Um tema: O amor! Várias ópticas de tratamento dum tema tão mal tratado pelo cinema.

Dia 3, Domingo — «Os Barbeiros da Sicília» — Maiores de 6 anos.

Uma maneira prática de se demonstrar como as crianças poderão ser tão maltratadas.

Dia 4, Segunda-feira — «A Revolta dum Cidadão» — Maiores de 18 anos.

Ir ao cinema poderá constiuir algo de útil ou um desperdício. Desta vez vá ao cinema!

## ESCRITAS

PART-TIME

Quaisquer serviços de escritório

Mário A. A. Ferreira

Apartado 47 — Espinho

## FURTO DE AUTOMÓVEIS

É muito frequente, o desaparecimento de viaturas na cidade de Espinho. O interesse que um volante e quatro rodas despertam é o suficiente para fazer com que quem não tenha carro o arranje de qualquer maneira, nem que seja o do vizinho. Desta vez, a vítima foi o sr. Valdemar Leite da Conceição, que viu fugir a sua viatura, um Austin 1100, no passado dia 15. Após ter apresentado queixa à polícia, esta posta em campo, veio, ainda no mesmo dia, a encontrar a viatura. Mas não encontrou somente o automóvel, encontrou também quem o havia desviado para dar umas voltas. Foram autores da proeza, Manuel António da Silva Almeida e Estanislau Pinho Gomes. Do automóvel havia apenas uma alavanca e um fecho da porta partidos, tudo o resto estava intacto.

Mas não ficaram por aqui os «peritos de automóveis». Na noite do dia 12 para 13, foi o capitão do exército, sr. Agostinho Correia da Silva, de 28 anos, morador na rua 37, n.º 534 r/c Esq.º quem viu desaparecer também o seu automóvel, um Austin-mini 1000. Mais tarde, no dia 14, o mesmo viria a ser encontrado na estrada da Barrinha para Esmoriz, junto à passagem de nível. O carro estava completamente abandonado, tendo-lhe sido furtados um gravador e 5 cassetes. No caso não foram apanhados os larápios, mas a polícia mantém-se em campo.

## 5 DE OUTUBRO

«Nascente», Cooperativa de Acção Cultural, vai lembrar o 5 de Outubro com uma Exposição de gravuras do grande artista Rafael Bordalo Pinheiro (dias 5 e 6) acompanhada dum debate orientado pelo Prof. Fernando Sousa da Faculdade de Letras do Porto, (dia 5, pelas 21,30 horas) no Salão da Piscina.

## FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

QUINTA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

SEXTA — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

SÁBADO — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

DOMINGO — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

SEGUNDA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

TERÇA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

## PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausanne e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275  
Telef. 920413

ESPINHO

S. Paio de Oleiros

## As escolas não andam

Nogueira da Regedoura

## —Onde se fala dos pequenos empreiteiros

**HABITAÇÃO** — O problema habitacional é grave a nível geral — toda a gente o sabe. Mas, quando chega o momento de detectar os casos concretos em si, a maioria das pessoas não o consegue.

No entanto, eles existem. Em Oleiros também. E não é só a procura frustrada de habitação. São também as degradantes condições dos que ocupam aidos, assentam a família na promiscuidade, tentam adormecer cada noite sob o tecto roto, com uma lírica canção de vento e chuva.

São as irmãs e os irmãos no mesmo quarto, às vezes os pais e filhos; é a casa de banho na cozinha; é o ter de pagar a água para lavar a roupa; é aquele que toma banho num bidão, ao ar livre.

É também aquele senhorio que, ao ouvir as reclamações do inquilino quanto às péssimas condições de habitabilidade da sua casa, por cujo arrendamento recebe grossa maquia, lhe atira com uma resposta deste jaez:

— Se não está contente, deixe a casa. Preciso dela para um aido de coelhos.

E esta, hem? Que tal lhes parece a comparação: um homem, um coelho?

**ILUMINAÇÃO PÚBLICA** — Vem aí o Inverno. Com ele (assim esperamos), a chuva e as poças de água. E o breu das noites, ainda mais escuras, desta vez porque a iluminação pública chegou a um estado caótico.

Claro que as culpas se atribuem de imediato aos Serviços Municipalizados.

Fomos lá. E ficámos a saber as verdadeiras causas.

É que, em Oleiros, onde, nos últimos anos, se atingiu na iluminação pública um nível de invejar, também há vandalismo. Também há os que não respeitam nada nem ninguém. Também há os quebra-lâmpadas profissionais e toda a espécie de sabotadores da economia nacional.

Consultem, senhores, as verbas despendidas por exemplo em 1974 só com reparações da iluminação pública e compreenderão.

Compreenderão porquê o caos e as razões que levaram, a partir de 1975, os Serviços Municipalizados da Feira a castigar Oleiros com um desinteresse bem merecido.

É pena é que pague o justo pelo pecador.

**Manuel da Feira**

Manuel de Oliveira Marques Ferreira

Serviço à lista — Almoços e Jantares — Cozinha Regional  
Especialidade em **frango embriagado** e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625 ESPINHO

**CAFÉ E RESTAURANTE****COPÉLIA**

Almoços e Jantares — Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados — Grande variedade de Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

Não é a primeira vez que aqui falamos da nova escola primária do lugar de Pousadela em Nogueira da Regedoura. Temos acompanhado este assunto, desde que a Comissão Administrativa da Junta nos pôs ao corrente dos esforços que então se exerciam junto dos vários proprietários do terreno necessário para a construção, a fim de que se dispusessem a vender os seus talhões para esta obra de tão grande urgência. Graças à compreensão dos referidos proprietários o problema foi facilmente resolvido. Entretanto, e também como noticiámos, surgiram exigências burocráticas da Câmara da Feira, relacionadas com a identificação dos proprietários e outros documentos, quando os referidos proprietários já se haviam deslocado expressamente àquela Câmara. Estas exigências foram satisfeitas e toda a gente pensou que aqui teriam acabado os obstáculos e que as obras estariam a um passo do arranque. Mas as dificuldades parece que afinal ainda não terminaram, enquanto as crianças de Pousadela continuam à espera e sujeitas a continuarem a frequentar as aulas por turnos por um tempo que ainda não se sabe quando acabará. Mas vejamos o que se passa.

A Câmara da Feira ainda não se resolveu a pagar totalmente os terrenos e enquanto isso, por esta razão e talvez por outras que se desconhecem, não foi aberto ainda concurso para a adjudicação da obra, não se prevendo mesmo quando será isso feito. A situação de impasse tende por isso a arrastar-se, com todos os prejuízos que se adivinham. Para além disso, soubemos também que o adiamento do concurso poderia colocar em situação difícil um pe-

queno empreiteiro da freguesia, e conseqüentemente os trabalhadores que emprega, que luta com falta de empreitadas e vê nesta obra boas possibilidades de trabalho. Julgámos que seria útil falar com o sr. Joaquim Marques Lopes.

Conseguimos encontrar o sr. Lopes em Serzedo, onde está a ultimizar as obras numa escola naquela freguesia. Mostrou-se preocupado com a perspectiva de não arranjar trabalho para si e para os seus dez operários. Entretanto, foi-nos adiantando mais alguma coisa sobre a escola de Pousadela. Para a sua construção, envolvendo oito salas, prevê uma duração de um ano, pelo que a não ser aberto concurso rapidamente, não haverá escolas sequer no princípio do ano lectivo de 1977/78. Falou ainda dum terreno destinado à construção de outra escola no lugar do Souto, que caiu totalmente no esquecimento. Perguntámos, a propósito, quais as razões que levavam a que houvesse tanta falta de trabalho. A resposta do sr. Lopes levou-nos para uma discussão de alguns problemas da construção civil, que ultrapassam o assunto das escolas, mas que julgámos de interesse reproduzir.

Para além de uma certa quebra no ritmo da construção civil, o problema dos pequenos empreiteiros reside nos alvarás. Para quem esteja mais fora do assunto, podemos dizer que o valor limite das obras que cada alvará permite varia com os técnicos com que cada empreiteiro possa contar. Assim, os pequenos empreiteiros que não podem dispor, por falta de meios, de um agente técnico ou engenheiro civil, limitam-se a trabalhar com um construtor civil e assim

seu alvará só lhes permite pegar em obras que não ultrapassem 2.500 contos.

Esta restrição tem a sua justificação, pois obras de grande envergadura exigem a participação de quadros técnicos altamente competentes. Simplesmente, a quantia referida está já muito desactualizada. Com os aumentos de encargos, principalmente mão-de-obra e materiais de construção, as pequenas obras, em que os pequenos empreiteiros podiam pegar, custam agora duas a três vezes mais e deixam de estar ao seu alcance. Vêem-se assim os pequenos empreiteiros obrigados a usar de expedientes para arranjar trabalho, o que não é cómodo, nem dignifica a indústria da construção civil.

Disse-nos o sr. Lopes que seria pelo menos necessário actualizar os pequenos alvarás para pelo menos 7.500 contos, sem o que ele, e por certo outros pequenos empreiteiros, se verão obrigados a mudar de vida, arrastando consigo os trabalhadores e aumentando ainda mais a já tão elevada taxa de desemprego na construção civil.

Embora sujeito a um estudo mais profundo, aqui fica mais um exemplo da necessidade que há, nos mais variados sectores, de proteger as pequenas empresas, que estão sujeitas a ser submersas pela grande indústria.

Entretanto e voltando às escolas de Pousadela (e do Souto, porque não?) esperamos que a população de Nogueira, não cruze os braços e o problema se resolva.

Até lá, iremos dando notícias.

**Lourosa****AINDA DESPEJOS — À atenção do organismo do Estado que ali enviou duas pessoas para tratarem este assunto**

Estiveram recentemente em Lourosa, indagando o paradeiro de uma família vítima de despejo, dando como única referência o facto de essa família ter cinco filhos, duas senhoras que se deslocavam numa viatura cinzenta, do Estado. Como ninguém conseguisse descobrir de quem se tratava, retiraram-se, convencidas, ao que parece, que ali haviam sido levadas por uma informação falsa.

Pois a informação era verdadeira. Tratava-se da família de Manuel Joaquim Gomes Dias, operário na corticeira A. Barros, de Santa Maria de Lamas, cuja esposa, Maria Rodrigues Costa, esteve na nossa redacção a expor o caso.

Foi despejada, em Novembro de 1975, por um processo simples: o senhorio vendeu a casa, por intermédio de um procurador, a uma emigrada; esta, alegando precisar da casa para habitar, moveu um processo de despejo ao inquilino e, depois deste estar fora, voltou a vender a casa. Tudo isto se passou sem

que a emigrada tivesse de se deslocar à terra e, ainda por cima, o pobre corticeiro teve de pagar custas no processo.

Actualmente, o casal está a viver em casa da mãe da sr.ª Maria, numa única divisão com os cinco filhos de que o mais velho tem já doze anos. Próximo ficam os aidos e as condições sanitárias são péssimas. A presença em Lourosa das já referidas funcionárias trouxe esperanças ao casal. Por isso pedimos aos nossos leitores que eventualmente saibam a que organismo do Estado pertenceriam as referidas senhoras, nos contactem ou informem directamente os interessados, no lugar de Vila Verde.

O problema de habitação em Lourosa, como recentemente referimos, é bastante grave. Só no lugar de Vila Verde, houve, num relativamente curto espaço de tempo, cinco despejos. Fomos informados de que a Comissão de Moradores local não se interessa pelo assunto. No entanto este caso, bem como o de despejo iminente da sr.ª Irene Mota já noticiado neste jornal, mereceu a atenção de outras organizações, nomeadamente a da C. M. da Vergada, que têm estado no local e procuram organizar o Povo para este se poder defender. De facto, onde a Lei não é Justiça, que seja a Solidariedade a fazer a Lei!

**CASA****TRANSMONTANA**

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa  
— LANCHES VARIADOS —

Serve-se o melhor vinho de Rio Maior  
Avenida 8 n.º 774 ESPINHO

**VISTA OS SEUS FILHOS**na **BOUTIQUE MI**

Rua 62 n.º 115 — ESPINHO

# A intimidação continua

## — Dirigentes Papeleiros despedidos

Como referíamos no último número do «Maré Viva», nos últimos dias têm-se verificado sucessivas tentativas, por parte de alguns empresários, em criar um clima de intimidação e tensão no seio dos trabalhadores.

Vêm agora, associar-se aos casos então citados, o despedimento do Presidente do Sindicato dos Papeleiros, Joaquim Alves Martins, e a tentativa em curso de despedimento do dirigente do mesmo sindicato, Carlos Jesus Ferreira, a quem foi instaurado um processo disciplinar.

Os casos diferem bastante entre si. O primeiro foi sempre um operário da confiança do seu patrão (Orlando Oliveira Santos, gerente da Zarrinha) até à data em que, já Presidente do Sindicato, se recusou a alinhar numa manobra que aquele pretendia contra alguns trabalhadores, e se revelou um defensor intransigente daquilo que a Lei concede aos seus colegas de trabalho. A partir daí, o patrão moveu-lhe intensa perseguição para o que, segundo o próprio atingido, não recuou ante a difamação de trabalhadoras honestas e, até, o lançamento da desavença no seio de um casal. Dessa perseguição fez parte um inquérito que conheceu várias fases até que, finalmente, o patrão, há cerca de quinze dias, lhe comunicou que estava despedido.

Para tentar a conciliação têm sido levadas a cabo várias reuniões em que se fizeram representar sindicatos de todo o País, ligados ao sector e ainda a União dos Sindicatos de Aveiro. A última realizou-se na passada sexta-feira e desconhecemos, para já, os resultados.

O caso do segundo trabalhador é diferente. Trata-se de um trabalhador da firma Luís Oliveira Santos (irmão do Orlando) que, conforme oportunamente noticiámos, foi palco da intervenção da G.N.R. durante a recente greve no sector. Logo após o fim da greve, o trabalhador cumpriu um castigo de 12 dias por acontecimentos a ele ligados. Depois disso, e quando pretendia retomar o trabalho, foi informado de que estava suspenso para um inquérito disciplinar. Na nota de culpa, a gerência alega

que o trabalhador fechou o portão da fábrica e se sentou na frente de uma carrinha a fim de impedir a saída de mercadoria. Estes factos, segundo informações por nós colhidas, nem sequer correspondem à realidade.

Porque procedem assim estes empresários no presente momento?

A resposta parece simples. Foi publicada em 30 de Agosto a nova Portaria de Regulamentação de Trabalho, que prevê para os trabalhadores novas regalias no aspecto salarial e de horário de trabalho. Ora, por exemplo, o gerente da Zarrinha, talvez encorajado pelo exemplo que vem «de cima», já foi informando o Delegado Sindical, que se «pusesse a pau» porque ele já pusera fora um «comunista» e portanto... ele poderá ser o próximo. Isto compreende-se melhor se soubermos que grande parte dos operários, nesta fábrica, é gente fugida à miséria dos campos do interior (muita gente de Paiva) e mesmo da região, e, portanto, pouco esclarecida. Assim, um patrão autoritário e intimidativo consegue, pelo medo, levá-los a não reclamar sequer aquilo a que têm direito.

Estes processos não conseguem, porém, senão agravar as relações de trabalho, diminuir a produtividade e enfim criar complicações à economia do sector, pois o Sindicato está atento, a Inspeção de Trabalho actua e, ainda, a Zarrinha tem neste momento 15 processos em Tribunal nos quais, como também no de despedimento do Joaquim Martins, será inevitavelmente dada como culpada. A única vantagem que os patrões podem ver nesta questão será que, dado o tempo sem fim que demoram processos em tribunal, «enquanto o pau vai e vem folgam as costas», porque de resto, tudo terá de ser pago aos trabalhadores.

«Maré Viva», no Sindicato dos Trabalhadores em Paços de Brandão, falou com Joaquim Martins, que nos relatou pormenorizadamente a história do seu despedimento. Dela faremos transcrição integral no próximo número. Entretanto, durante a conversa, chegou mais uma nota de culpa ao conhecimento do nosso interlocutor o que fez pensar que a «vingança dos patrões» prossegue e agrava-se.

# NA RABOR

## TRABALHADORES REJEITAM O REGRESSO DA I. T. T.

Os trabalhadores da Rabor reuniram em plenário, no passado dia 17, durante o qual analisaram a actual situação da firma.

Neste momento, o Governo está em negociações com a multinacional ITT sigla bem conhecida dos portugueses, pela sua ligação com o nefando crime do Chile. Nessas negociações deveria ser incluída a Rabor que, como é sabido, pertenceu àquela multinacional.

Como isso não acontece e, por força do Decreto 422/76, o Governo terá, brevemente, de tomar uma posição sobre o futuro da empresa que está sob intervenção estatal, os trabalhadores decidiram, em moção, aprovada por unanimidade e aclamação, «rejeitar qualquer solução que

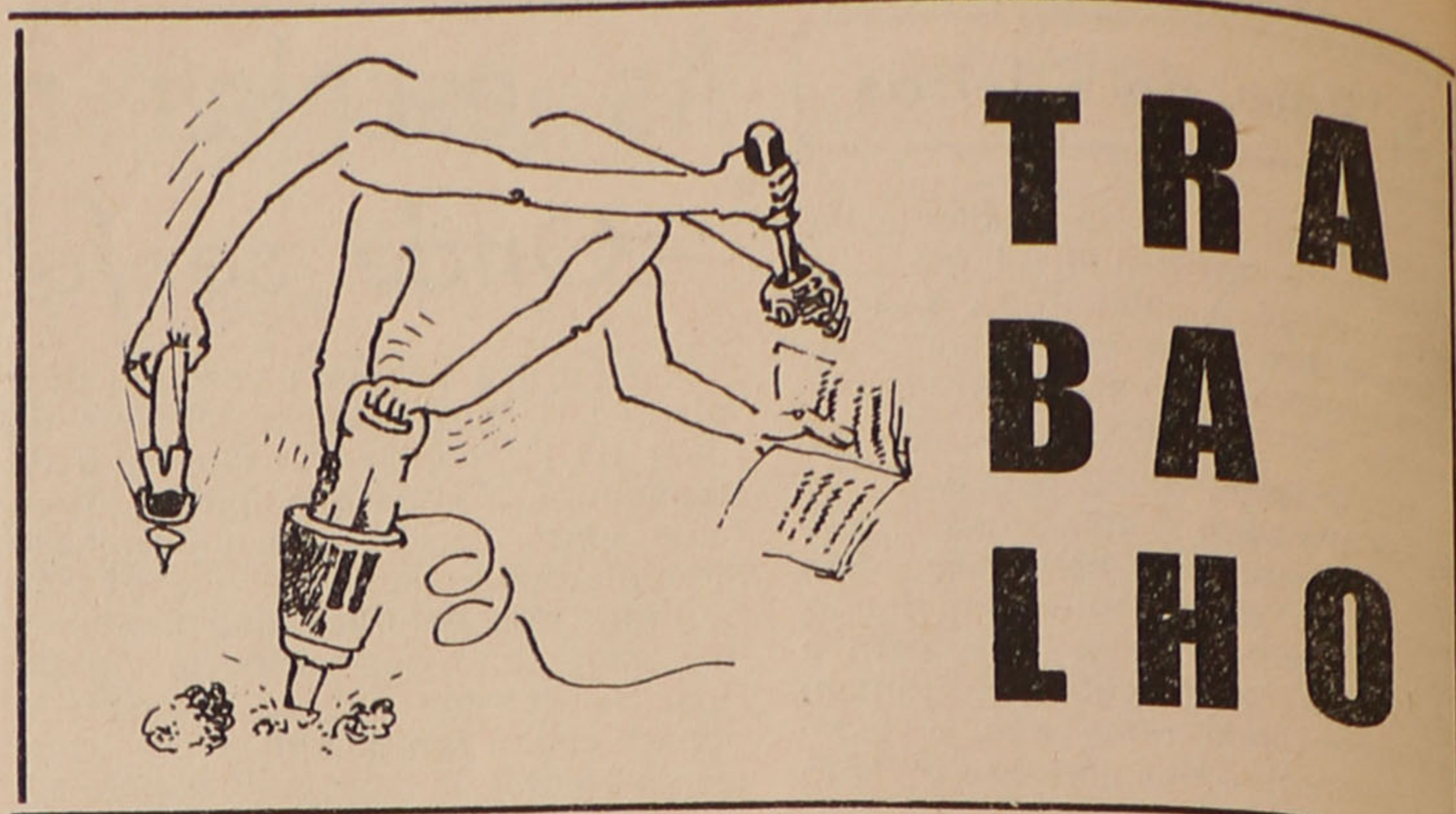
permita o regresso da ITT à empresa, sob qualquer forma».

Dos considerandos desta decisão, destacam-se a sabotagem económica, exercida pela multinacional, de forma a levar a empresa à situação de falência e os sacrifícios, privações e esforço dos trabalhadores para a sua recuperação que, neste momento, se mostra viável.

Como decisão adicional, os trabalhadores, comprometem-se a manter o seu esforço, em coerência com os artigos da Constituição que citam:

Artigo 2.º

«Assegurar a transição para o socialismo mediante a criação



## O caso «Luís da Loura»

### — uma conferência de Imprensa

Era uma vez uma árvore que desenvolveu uma forte ramagem — muita folha — e criou uma grande sombra. Era linda, assim verde e feita, só que, não dava fruto. A sua volta foram aparecendo muitas plantazinhas que queriam dar fruto, mas não podiam crescer devido às sombras que aquela criava, roubando-lhes o sol. Houve tempo em que o problema poderia ter sido resolvido com uma simples poda. Agora a única solução será cortar a grande e pernicioso árvore, pela raiz.

Esta a ideia de uma parábola com a qual o pároco de S. João de Ver, expôs às suas gentes a situação do sr. Luís Alves da Rocha — a árvore — e dos seus 200 operários — as plantazinhas. Tê-lo-á feito porque os seus humildes paroquianos, manipulados pelos meios de in(de)formação, e vítimas de 48 anos de fascismo se mostravam incompreensivos, e agressivos até, para as jovens empregadas da fábrica que o sr. Luís possui naquela localidade.

Com um propósito idêntico, mas de mais vasto alcance, o Sindicato dos Tapeteiros deu uma conferência de Imprensa nas instalações daquela fábrica a que estiveram presentes os dirigentes sindicais, César Gonçalves Monteiro e Manuel Sá Alves Oliveira (Paixão) e todos os operários e operárias das fábricas de Silvalde e São João de Ver, nomeadamente os elementos da Comissão de Controlo de Gestão: Manuel da Silva, Ernesto Pereira, José Alves, Porfírio Rodrigues, Maria de Lurdes Silva, Maria Deolinda Barros, Maria Rosa Maia e Benilde Santos. Do lado da Impren-

sa, propriamente dita, apenas dois semanários. A restante, a estatizada, em particular, não compareceu, como é costume.

No entanto alguns órgãos rectificaram posteriormente a sua posição, o mesmo que veio a fazer a R.T.P.

A situação actual da empresa e os factos que a ela conduziram foram explicados com cópia de pormenores.

Foi bem explicado e fundamentado o facto de os trabalhadores acusarem o patrão de má administração. Salienta-se o empolamento de algumas alíneas dos balanços dos últimos anos de forma a fazer crer que a empresa dava lucros. Isto quer dizer que, por exemplo, o sr. Luís nunca se preocupou em controlar e sincronizar os diferentes sectores da fábrica e verificar os consequentes aumentos da receita, apenas procurava obter por qualquer forma o crédito da Banca no que aliás parece ter tido bastantes facilidades.

Os trabalhadores mostram também a sua estranheza pela forma como o patrão tem sido bem recebido nos ministérios onde se apresenta como defensor dos trabalhadores que, segundo afirma, o apoiam. Para explicar as posições que estes têm tomado afirma que eles são manipulados por uma minoria. Ora, segundo os trabalhadores, o sr. Luís parece esquecer que foi rejeitado como patrão, numa votação secreta, de todos os trabalhadores e, apenas, com três votos contra. As críticas à morosidade da actuação governamental são justas, pois os trabalhadores não recebem desde há três meses e os prejuízos com a paralisação poderão ser contabilizados em milhares de contos.

Apesar de tudo, foi comunicado à Imprensa que os trabalhadores pensam vir a ser incluídos no grupo de empresas têxteis e metalomecânicas em que o Estado pensa intervir. O seu objectivo final é a criação de uma cooperativa de produção.

Todos os trabalhadores mostram neste momento uma viva consciência de que essa é a única saída para a situação, pois afirmam que é preferível passar fome e arriscar o emprego, a admitir o patrão dentro das portas e voltar ao mesmo em pouco tempo.

Esperamos, pois, a breve resolução deste caso cujo processo já tem «mais folhas que um missal da Igreja» e já obrigou os trabalhadores nele empenhados a percorrer para cima de cinco mil quilómetros.

de condições para o exercício democrático do poder pelos trabalhadores».

Artigo 10.º — 2

«O desenvolvimento do processo revolucionário impõe, no plano económico a apropriação colectiva dos principais meios de produção».

Artigo 82.º — 1

«A lei determinará os meios e as formas de intervenção e de nacionalização dos meios de produção, bem como os critérios de fixação de indemnizações.

Sobre o andamento da luta que se adivinha procuraremos manter os nossos leitores informados.

## DA MULHER

## A mulher e o trabalho

A mulher trabalhadora e o seu lugar na sociedade, os seus direitos, as suas dificuldades como mulher-mãe, mulher-doméstica e no trabalho.

Empregadas de comércio, professoras, mulheres-a-dias e um sem número de profissões, a maior parte delas sem quaisquer condições e espelho duma estrutura social segregadora e insuficiente. Não foi sem uma certa admiração

que ouvimos a sra. M. Amélia Faustino, mulher de ar acabado e com uma longa carga de sacrifícios reflectida no olhar e na face queimada pelo tempo a que a sua profissão a sujeitou.

A sra. Amélia Faustino é banheira e desde sempre o foi.

Logo que lhe dissemos ao que íamos ela foi começando a falar...

Muitos problemas me têm surgido nesta vida... Nem quero que me lembre.

Isto é sempre a trabalhar na época das praias. Horário? Qual horário?

É quando é preciso! E então quando o mar ataca é correr para a praia à noite para tirar tudo... Ainda há tempos passei uma noite inteira nessa azáfama!

Tenho 70 anos. Fiquei com este trabalho que já era dos meus pais...

Sou viúva e tive o meu marido doente 15 anos e só eu a ganhar.

Tinha um irmão que morreu afogado e que deixou 6 filhos para criar. Eu criei três...

Nunca tive nada, nem Caixa nem abono.

Já fui à Casa do Povo a explicar a minha situação e a pedir reforma. Ainda me aborreci lá, trataram-me mal e mandaram-me trabalhar!

Eu que trabalhei toda a vida e sabe-se lá como...

Existe agora uma cooperativa, uma sociedade, entre os banheiros de cá me-

## Espinho já tem um coro!

Com a intenção de conhecermos o Grupo Coral da Secção Cultural da A.A.E. fomos assistir a um ensaio a fim de recolhermos algumas impressões dos responsáveis e componentes do grupo. O ensaio, realizado na Academia de Música de Espinho que cedeu graciosamente uma sala e um piano para o efeito, estava a começar. A sala encontrava-se cheia de malta nova, de ambos os sexos, que ia tentando corresponder da melhor maneira aos vocalizos solicitados pelo maestro. Depois dos exercícios vocais começou o ensaio

A.A.E. pensava em criar um agrupamento coral mas sempre lutou com dificuldades em arranjar alguém competente para orientar o grupo; ainda mais difícil, foi conseguirmos mobilizar um número suficiente de pessoas para um empreendimento destes. Depois de várias tentativas frustradas, contactámos os professores Ramon e Alice Miravall que com uma vintena de malta nova fizeram algumas reuniões em que se debateu, entre várias coisas, o objectivo do grupo. Depois de muita discussão ficou decidido que o grupo dedica-



propriamente dito com aperfeiçoamento e aprendizagem de algumas canções, todas elas portuguesas: «Combate» de Fernando Lopes Graça, «Vira», e «Natal de Linhares» com harmonizações de Sampaio Ribeiro.

Acabado o ensaio, ouvimos os responsáveis técnicos pelo grupo coral Joaquim Fidalgo e Fausto Neves.

«Muito custou a arrancarmos com este grupo coral. Havia já muito tempo que a Secção Cultural da

ria a maior parte da sua atenção à Música Popular Portuguesa, sem esquecer outros tipos musicais.

Desde então muita coisa mudou e o caminho já percorrido foi longo: houve alterações a nível dos responsáveis do Coro motivadas pelos afazeres profissionais dos dois professores e que provocou a nossa entrada, um pouco forçada pelo espectro de mais uma tentativa frustrada para formação dum Coro. Aliás foi mesmo essa razão que mais nos

## TRABALHO

## Na «Pereira Alves»

## Conflito arrumado

Na reunião anunciada para o passado dia 20 foi, finalmente, encontrada uma saída para o problema que, desde princípios de Agosto, mantinha paralisada a fábrica de tapetes «Pereira Alves».

Estiveram presentes os trabalhadores, os patrões e representantes do Sindicato. A base do acordo foi uma proposta, apresentada pela gerência, que consiste no trespasse da firma a um armazenista local que se compromete a manter os postos de trabalho e ainda, com acordo dos trabalhadores, a empregar um dos sócios actuais da «Pereira Alves». Ao que parece, é pro-

vável uma reconversão daquela unidade com criação de mais postos de trabalho. Também, como é claro, ficarão salvaguardados todos os direitos dos trabalhadores, incluindo os salários em atraso.

Parece pois ter chegado a bom termo um conflito de trabalho durante o qual, a consciência e a firmeza da maioria dos trabalhadores veio ao de cima. Os trabalhadores permaneceram dia e noite na sua fábrica, defendendo o direito ao trabalho e ao pão, e esta vitória, que honra ambas as partes, é o melhor prémio para o seu sacrifício.

## NASCENTE — COOPERATIVA

Devido à urgente necessidade duma melhor organização da nossa Cooperativa, vamos lançar aqui um apelo a todos os sócios para que, caso ainda não o tenham feito, nos enviem 2 fotos tipo passe para o apartado 43, ou as entreguem directamente na sede da Cooperativa na rua 62, n.º 251, 1.º Andar.

nos o da «Praia Azul» e o «Americano» que não quiseram pertencer. São ricos!

Este ano o que tive foram doze contos e quinhentos. Para comer durante os doze meses e ainda pagar impostos.

Nunca pensei que poderia ser outra coisa. Se não fosse banheira era mulher-a-dias.

Tenho lutado muito para viver...

## OPINIÕES DE QUEM CANTA

«Vive-se aqui uma boa experiência, pois apercebemo-nos da importância do trabalho em grupo e das capacidades do conjunto. Penso que os jovens devem agrupar-se e fazer qualquer coisa, sobretudo enquanto são novos e têm tempo. Além disso, com a música damos um pouco de arte à nossa vida, coisa que acho importante» (Bessa).

«Vim para o Coro com um objectivo claro: a divulgação da música popular portuguesa. Isto porque a verdadeira música popular é linda, é rica, deve ser mostrada às pessoas e alguém tem que se interessar por isso. E uma das melhores maneiras de chegar às pessoas é precisamente cantando» (Capelo).

«Estou aqui porque gosto de cantar. Mas não só. Isto é uma forma de intervenção cultural séria e com interesse, sobretudo com tanta música horrível que para aí se ouve. Cantar a música popular portuguesa interessa-me, assim como outras manifestações culturais que tão pouco se têm desenvolvido ainda no nosso meio» (Moreira).

«Ando aqui fundamental-

mente porque gosto, gosto de música, gosto de cantar, gosto de fazer música» (Gisela).

«Gosto muito de música. Mas há outra razão: o ambiente aqui é bom, há camaradagem, há uma malta porreira. E isso também é importante. É bom cantar em grupo num bom ambiente» (Paula).

«Este Coro já passou por fases difíceis. Houve problemas, trabalhava-se pouco, não havia disciplina. Eu própria há uns tempos andava desanimada. Por causa disso, alguns foram-se embora. Mas agora que isto está bom e a andar para a frente com força, seria preciso reaver essas pessoas que têm vontade e gosto, mostrar-lhes que vale a pena, trazê-las de novo para cantar connosco» (Capitolina).

«Gosto muito de cantar. Aguentei o período fraco do Coro, sempre com a esperança de que melhores dias viriam. E vieram. Agora parece que isto vai mesmo...» (Cinda).

«É bom. Gosto de cantar e sentimo-nos muito bem aqui» (Hermínia).

motivou, pois não cremos ser esta a solução ideal.

A nível do grupo, também houve muitas mudanças: a criação de um regulamento e, o que é mais importante, o aparecimento de uma já apreciável consciência de grupo. Daí a saída de alguns elementos a pedido do grupo por este entender que aqueles perturbavam o decorrer dos ensaios.»

«Bem, estamos agora a fazer uma campanha de alargamento do número dos componentes que já tem sido proveitosa, esperando nós por melhores resultados. Todos os ele-

mentos que vieram assistir aos nossos ensaios ficaram mesmo... Esperamos que todas as pessoas interessadas venham até nós. Os ensaios são às terças (21,30 horas) e sábados (18 horas), na Academia.

Sem termos aspirações a grandes qualidades técnicas, pretendemos sim, formar um grupo vivo, o mais aberto possível, sendo a admissão dos novos membros regida não só pelos predicados vocais que poderão exhibir, mas sobretudo pela sujeição e sensibilização para com os objectivos do grupo».

E deixámos o ensaio, ficando o Coro à sua espera, leitor.

## FUTEBOL

## S. C. Espinho, 1 — Lus. Lourosa, 1

## Último minuto. prémio e castigo

Não foi um bom jogo. O vento não ajudava, a bola andava sempre fora do campo, mas a maior culpa coube às duas equipas que não se souberam adaptar às circunstâncias.

O Espinho começou francamente ao ataque e nos primeiros vinte minutos criou o número de oportunidades suficientes para justificarem o golo que então conseguiu de penalty. Este nasceu de um «senhor» empurrão a Gonçalves que acorria a uma bola vinda de um canto. Aliás, isso já havia acontecido anteriormente, mas daquela vez notou-se muito. Foi mesmo penalty e Reis marcou.

Até ao intervalo, aquilo foi mesmo «chato». O Lourosa não respondeu e o Espinho, embora dominando, parecia ter adormecido, embalado pelo golo. Para «animar» o tom de violência, que o árbitro, até então certo no resto, deixou crescer, sem um ou dois amarelos que podiam ter arrefecido os ânimos, mas que não apareceram, com tristes consequências para o segundo tempo.

No regresso dos balneários, o Lou-

rosa apareceu com outra disposição e o seu meio-campo começou a dominar os acontecimentos. Daí a entrada de Alemão para o lugar de Meireles, que rebentou muito cedo. Mas o brasileiro, que contra o Vila Real tão boa conta havia dado de si no lado direito, como médio de ataque, foi atirado para o centro do terreno, onde andou positivamente a «navegar». A substituição do defesa-esquerdo, Cardoso, por Costinha, com maiores características atacantes, veio acentuar a falta de um elemento ofensivo naquela faixa do ataque do Espinho, onde João Carlos, que lutou (e muito) já não tinha fôlego para ir lá frente e segurar Costinha na sua zona defensiva. As substituições de Malagueta (que nestes jogos «a dor» não toca na bola) por Juvenal e de Maia por Aquiles, por banda do Lourosa, não alteraram a fisionomia do encontro: o Espinho remetido na defesa e o Lourosa à procura do empate.

Entretanto, quando Júlio já havia visto o amarelo, Ezequiel, aos 67 minutos, não gostou da marcação correcta

de João Carlos, agrediu-o a pontapé pelas costas e foi expulso.

Curiosamente, este facto pareceu dar novas forças ao Lourosa que cerrou os dentes e obteve o empate, no último minuto, quando Quim saiu em falso a um livre e Aires tocou a bola suavemente para as malhas. Um golo que as duas equipas mereceram: uma como prémio, outra como castigo.

Resultado justo para duas partes distintas. Esquisito o modo como o árbitro também mudou. Passou de condescendente a rigoroso no aspecto disciplinar e de certo a desastrado no julgamento das faltas. E aqui o Espinho pode queixar-se sobretudo na falta que só o sr. Alves «viu» a quilómetros de distância, quando Reis, num contra-ataque se desembaraçou dum defesa e se isolou.

Que dizer do Espinho? Deficiente preparação física e desarrumação táctica. Mário Morais terá algo a dizer.

Do Lourosa? O abuso da violência mantém-se, mas de resto muita vontade e um bom meio-campo.

Para terminar, uma referência a David Costa que, sobretudo no final do jogo, teve atitudes que não dignificam as suas responsabilidades.

As equipas alinharam:

S. C. ESPINHO — Quim; Ribeirinho, Raul, Gonçalves e Castanheira; Meireles (Alemão, aos 57 m.), Gentil e João Carlos (aos 72 m.).

L. LOUROSA — Melo; Mazola, Dinis, Inácio e Cardoso (Costinha, aos 74 m.); Júlio, Ramos e Ezequiel; Maia (Aquiles, aos 69 m.), Baltasar e Aires.

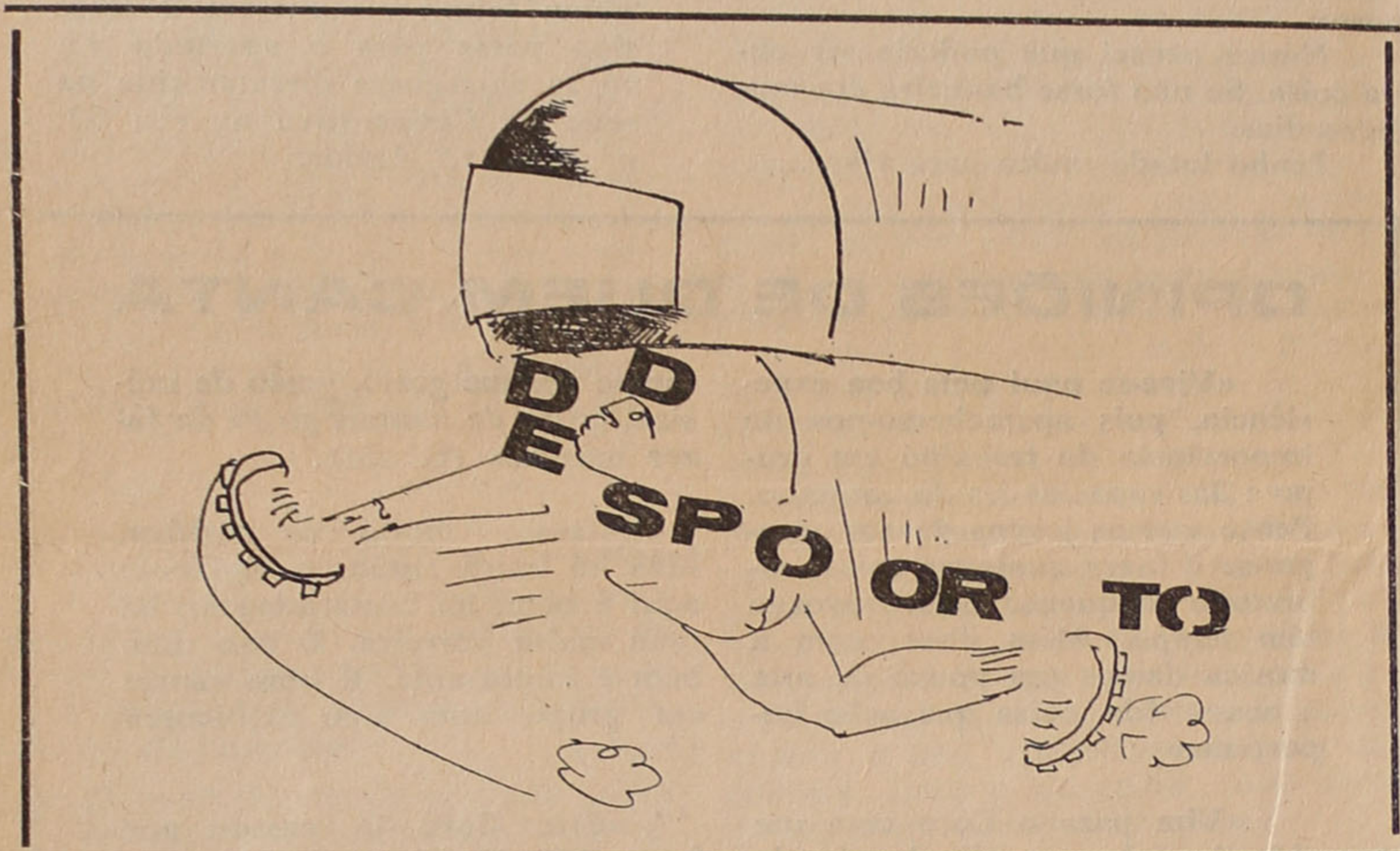
Árbitro — Guilherme Alves (Porto).

## BAPTISTA

## Móveis e Decorações

Rua 20 n.º 528

ESPINHO



PUB.

## Federação Soshinkai de Artes Marciais

Entende a Direcção desta Federação ser necessário proceder à correcção de afirmações feitas por responsáveis da AAE ao jornal «Defesa de Espinho» de 17 de Setembro de 1976, relativamente ao funcionamento da sua filial nesta cidade.

1. Os contactos havidos entre esta Federação e a AAE não se verificaram a nível de direcção, tendo sido dois elementos da secção de automobilismo que se avistaram com o nosso director-técnico para se estudar a possibilidade de criação de uma filial em Espinho. Nessa altura foi bem vincado que a filial teria de ter total autonomia na sua actividade, o que além de ser norma imposta pelos regulamentos desta Federação é exigido na lei, condição que foi aceite por esses dois elementos.

2. Inicialmente a filial esteve integrada na secção de automobilismo da AAE cedo se tendo verificado dificuldades no seu bom funcionamento o que levou à sua transformação em secção autónoma.

3. Nunca a AAE pagou fosse o que fosse a esta Federação, pois os encargos da secção de Karaté eram suportados pelos seus praticantes limitando-se os responsáveis pela secção de automobilismo a receber as verbas excedentes das despesas da referida secção de Karaté.

4. Por mais de uma vez foi o Sr. Castro informado que o funcionamento da secção não estava a verificar-se em moldes condizentes com as necessidades de uma classe de Artes Marciais, nomeadamente no respeitante à utilização do pavilhão por parte de elementos pertencentes a outras modalidades em simultaneidade com os

treinos de Karaté (o que qualquer pessoa sabe ser incompatível pelas características desta mesma prática) além de falhas mais ou menos graves no concernente à boa organização da secção. Daí se ter transferido o local de treino para a sala existente na piscina municipal e mais tarde para o pavilhão da Escola Preparatória Sá Couto sem que as lacunas apontadas à organização administrativa da secção (e comunicadas ao Sr. Castro) se deixassem de verificar. Como solução para esse impasse ficou assente que os elementos encarregados da parte administrativa actuariam sob a orientação do responsável técnico tudo se passando no respeitante à contribuição para a AAE como até aí, verificando-se de imediato uma melhoria a todos os níveis. Em Setembro de 1975 foi criada uma nova classe para propiciar aos praticantes mais adiantados um treino mais evoluído tendo, como é óbvio duplicado o tempo prestado pelo instrutor e monitores à secção tendo sido nessa altura informado o Sr. Castro desse facto, para providenciar que as condições iniciais fossem revistas. Desnecessário se torna dizer que largos meses se passaram sem que tivéssemos qualquer resposta, antes uma esquiua constante ao diálogo e ao entendimento.

Inclusivamente, tendo-se o nosso director-técnico dirigido ao Sr. Major Gaspar Borges a pedido deste para esclarecimento da situação, pôs-se aquele à disposição para um encontro com os elementos responsáveis da AAE tendo-se esse encontro verificado, notando-se a ausência do Sr. Castro único elemento que tinha acompanhado

PUB.

## COMUNICADO

## Academia Soshinkai de Espinho

Os praticantes de Karate da Academia Soshinkai de Espinho conscientes de praticar uma Arte Marcial, afirmam-se solidários com a Direcção Técnica da Federação de que fazem parte, recusando-se a aceitá-la como vulgar desporto e reconhecendo-lhe os aspectos mentais e doutrinários.

Dentro deste espírito repudiamos as atitudes tomadas por alguns dirigentes da AAE no que respeita ao enquadramento do Karate na vida do Clube, lembrando a responsabilidade que lhes cabe na má informação dada a um grande sector da massa associativa.

Por outro lado não podem esquecer que a maioria dos praticantes se inscreveu no Karaté, ignorando até ao momento as ligações existentes entre a Academia e a AAE.

Estas ligações sempre estiveram fora do seu espírito, no momento da inscrição, tendo sido apenas alertados para esse facto, pela infeliz entrevista publicada pela «Defesa de Espinho». Não percebem, portanto, qual o motivo porque a AAE se refere aos praticantes de Karate como «seus atletas».

Espinho, 21 de Setembro de 1976.

a existência da filial desde o início. Os dirigentes presentes faziam parte da direcção recentemente eleita e portanto unicamente postos ao corrente da situação pelo referido Sr. Castro. Apesar de se ter procurado explicar os condicionamentos de uma secção de Artes Marciais e de terem sido informados que a Academia Soshinkai de Espinho estaria na disposição de contribuir para as diversas actividades da AAE se fossem dadas as mínimas garantias quanto ao emprego de tais verbas sem que para a AAE resultassem quaisquer encargos ou trabalho; até ao dia 2 do corrente mês aguardamos uma resposta, a qual foi dada ao serem os nossos praticantes impedidos de treinar pela intervenção do Sr. Eng.º Manuel Pais, vice-presidente da AAE, facto a que nos iremos referir mais adiante.

5. Afirma o Sr. Castro que o director-técnico da Federação Soshinkai tinha «argumentado que a Soshinkai não podia continuar ligada à AAE devido a um decreto-lei que o impedia». Para esclarecimento do Sr. Castro (pois já se deve ter esquecido do que lhe foi transmitido) temos a informar que funcionam (e dentro da maior normalidade) além das Academias Soshinkai de Vizela, Porto, Colégio Alemão, S. João da Madeira, Coimbra e a classe especial da Polícia Judiciária as seguintes filiais da Federação Soshinkai: Secção Autónoma de Karaté do ILLIABUM CLUB (desde 1970), Secção Autónoma de Karaté do Ginásio Club de Águia (desde 1971) e mais recentemente desde Junho de 1975 a Secção Autónoma do Instituto S. Manuel.

O que talvez o Sr. Castro não soube (ou não quis) explicar é que os moldes que norteiam o funcionamento de uma secção de Artes Marciais são totalmente diversos dos que se verificam nas secções desportivas, pormenor fundamental e que para o qual foi várias vezes alertado.

Para clarificar este ponto transcreve-se parte do ofício n.º 171/P.º 13.00 da Comissão Directiva das Artes Marciais (CDAM) de 2/12/74, assinado pelo Inspector Sr. Tenente-coronel Manuel da Cunha Sardinha e

enviado à secção de Karaté da AAE ... «Mais informo V. Ex.cia de que o centro deverá formar uma secção independente da AAE com um dirigente responsável.»...

6. Quanto à não existência do decreto-lei espanta-nos que o Sr. Tenente que atendeu os dirigentes da AAE tenha feito qualquer referência à não saída do referido decreto. Na realidade ainda não foi revogado o Decreto 105/72, publicado no «Diário do Governo» de 30 de Março de 1972, n.º 76, I série, que no seu artigo 3.º n.º 2 indica: «Os centros que funcionem integrados em associações que se dediquem também a outras actividades devem constituir secções independentes, responsáveis pelo cumprimento do disposto neste diploma e nas respectivas normas regulamentares.»

Além disso, é esta exactamente a redacção do artigo 3.º n.º 4 do novo Decreto-Lei (que lamentavelmente ainda não saiu).

Quando ao preâmbulo referido na entrevista citada temos a esclarecer que a Federação Soshinkai fez parte da comissão que o redigiu (assim como o próprio decreto, tendo sido a maioria dos considerandos elaborados por nós) e nesse preâmbulo apesar de se admitir que a prática das Artes Marciais seja encarada por alguns praticantes, instrutores ou clubes como desportiva o seu controle será sempre referenciado como de Arte Marcial.

Sobre esta questão vejamos duas circulares da CDAM assinadas ambas pelo seu presidente Sr. General Simão Portugal.

Na circular n.º 1/75 de 18/3/75 foram notificadas todas as Academias legalizadas do seguinte:

«1.º — Têm aparecido na imprensa diária, notícias que mencionam a extinção da CDAM e portanto a liberalização das Artes Marciais.

2.º — Esta Comissão participa a todos os interessados de que isso é falso e aproveita a oportunidade para informar de que por ordens superiores vai ser reforçado o controle exercido por esta mesma Comissão».

(Continua na pág. 7)

# Maré - rua

(Conclusão da pág. 1)

que foi o normal dum fim-de-semana. No domingo, como «fugiu» tudo lá para baixo, até esteve menos gente do que nos domingos normais. Na segunda-feira foi o costume dos dias de feira... Enfim, as Festas não nos trouxeram nada de especial.»

E assim nos falou o sr. Manuel Faria, ao balcão do café. Seguimos o nosso trajecto na zona da Feira e entramos nas casas «Manuel da Feira» e «Barracão». Na primeira, o pequeno Álvaro Fernando disse-nos que «foi o normal das Festas. No ano passado esteve mais gente... e a gente esperava mais este ano, mas isso não aconteceu.» Na segunda, o sr. Marcelino Soares e a esposa também não estavam muito contentes:

«Na segunda-feira foi uma feira normal. No domingo houve mais uns almoços, mas pouco mais que o habitual. Se a Festa continua assim, mais ano, menos ano, acaba...»

Para finalizar a zona fomos ao Café Parque:

«Foi o costume» — disse-nos o dono do estabelecimento. — «A Festa não trouxe nada de especial.

Além disso tive problemas com o pessoal, pois todos queriam ir à Festa no domingo à noite...»

Qual seria realmente o problema? Diminuição real do número de forasteiros ou as pessoas terem «fugido lá para baixo», como disse o sr. Faria?

Mudámos de zona. Na rua 23 fica a adega Campino, onde o sr. Abel Teixeira simpaticamente nos disse:

«Olhe, meu amigo: prefiro um dia de Verão com muito calor a aos dias da Sra. da Ajuda. Nestes dias o trabalho e esforço que fazemos aqui não é compensado pelo lucro que temos...»

Aproveitamos estarmos tão perto e fomos à praça:

«Olhe não estive cá nesses dias, mas pelo que ouvi de outras vendedoras a fruta foi muito vendida. Mesmo muito...» — confiou-nos a sra. Maria Cascais.

A sra. Maria Virgínia também tinha que dizer:

«Foi mais ou menos como nos

dias normais. Sabe, nós dedicamos à venda de hortaliça exclusivamente. Se se vendeu muita fruta? Não sei.»

No Café «Sol d'Ouro», a sra. Maria Adelaide queixou-se:

«Foi o movimento do costume. Nós é que não temos pessoal para estarmos abertos desde a manhã até às 3 da madrugada como costumávamos...»

Na confeitaria Central notou-se, segundo o sr. José Neves, um movimento «dentro do habitual».

O sr. Eduardo, «garçon» já antigo do café «Moderno», também falou para o «Maré-Rua»:

«A tarde de domingo foi muito boa, a noite já não foi tão satisfatória. Talvez pelas pessoas não estacionarem cá na terra vários dias, como dantes.»

Nas casas de comidas da rua 62, segundo o sr. Brenha «o movimento foi mais fraco do que no ano passado», e segundo o dono da «Stadium» «a normal afluência de todos os anos».

Nos balcões do «Avenida» havia a noção de ter havido «mais movimento do que o habitual, mas pouco mais», enquanto que no «Palácio» a afluência foi «péssima, pois o domingo foi pior do que os normais. Muita gente a passar, mas pouca a entrar.»

Para terminarmos a «longa odisséia» fomos à casa «Santos», na rua 23:

«Sabe, a Festa este ano foi uma mer...»

«...Olhe, desculpe, o meu homem é muito malcriado.» — dizia-nos a esposa do dito senhor, enquanto este se ausentava no interior da casa — «Mas a festa prejudicou-nos imenso na mudança lá para cima... Acabei por fazer menos negócio do que nos domingos habituais: muita gente, mas com garrafas cheias e comida... Só à procura dum mesa...»

Ah! Mas ei-lo que regressa:

«Pode pôr mesmo isto: foi tudo uma merda!»

«...Só sabe falar assim... Que quer? Desculpe, sim?»

Desculpamos.

## Precisa - se

- AJUSTADORES (de precisão)
- FREZADORES (de precisão)
- OPERADOR DE MÁQUINA DE RECTIFICAR (perfis)

A **CETAP** EM ESPINHO, ACEITA PROPOSTAS DETALHADAS PARA ADMISSÃO DE PROFISSIONAIS, DAS CATEGORIAS ACIMA MENCIONADAS, PARA O SEU QUADRO DE

### SERRALHARIA

RESPOSTAS À **CETAP** — APARTADO 60

ESPINHO — TELEF.921226

ANTÓNIO MATOS

AGRADECE QUE SEJA CONSIDERADO QUE SÓ PODERÃO SER LEVADOS EM CONTA O CARÁCTER E A CAPACIDADE PROFISSIONAL DOS CANDIDATOS

PUB.

## Federação Soshinkai de Artes Marciais

(Conclusão da 6.ª página)

Na circular n.º 2/76 é-nos dado a conhecer o seguinte:

«Por despacho de S. Ex.cia o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas foi determinada uma actuação enérgica no sentido de reprimir a prática ilegal das Artes Marciais.

... Em face do exposto solicitamos a V. Ex.cia a indicação de todos os centros que trabalham sob a orientação técnica da vossa associação a fim de que lhes seja passada uma credencial de autorização da prática de Artes Marciais.»

Essas credenciais foram enviadas à nossa Federação em 18/6/76 estando, como é óbvio, incluída a nossa filial de Espinho.

7. É inqualificável a tentativa do Sr. Castro de pôr em dúvida o amadorismo reinante dentro desta Federação ao aludir a possíveis ganhos materiais de elementos da Soshinkai. Não queríamos estar a demonstrar num comunicado deste tipo o erro grave em que incorre o Sr. Castro mas a título de exemplo, queremos lembrar-lhe que a presença de Mestres credenciados e idóneos nas nossas Academias sempre se verificou sem qualquer encargo suplementar para os praticantes, conduta que desconhecemos seja prática corrente noutras associações (o que de certo modo é compreensível entrando em linha de conta com as despesas inerentes a deslocações desse tipo). Se o Sr. Castro tivesse, como lhe competia, acompanhado a actividade da secção, podia ter assistido (só na época passada) além das demonstrações do Mestre Toshihiko Tsutsumi, aos estágios ministrados por Mestre Tran-Huu-Ha e pelo Professor Armand Ignatio que se deslocaam tanto um como o outro por duas vezes ao nosso País, nesse lapso de tempo.

8. Refere-se ainda na entrevista em causa, pelas palavras do Sr. Eng.º Manuel Pais, que se estavam a criar problemas quanto à utilização de pavilhões. Não terão sido os dirigentes da AAE que os levantaram ao impedirem, no passado dia 2, os nossos praticantes de utilizarem o pavilhão da Escola Preparatória Sá Couto sem que tenha havido qualquer aviso prévio que tal iria acontecer? Que tipo de consideração manifestam estes senhores pelos «seus» praticantes? Será com atitudes deste tipo que pensam retirá-los à Soshinkai?

Não nos admira (neste momento) tal procedimento relativamente à resolução de problemas relacionados com Artes Marciais

pois é sobejamente sabido que tais conceitos e suas implicações não devem ser discutidos às mesas dos cafés, local pouco indicado para a aprendizagem e esclarecimento destes assuntos.

9. Lamentamos profundamente que o Dr. José Leitão tenha referido a existência de boatos sobre a Shotokan Karate. Do de Portugal insinuando que tais boatos teriam origem em elementos afectos à Soshinkai, pois só ao lermos o «Defesa de Espinho» de 17/9/76 tomamos conhecimento dos contactos havidos entre essa Associação e a AAE; só podemos ver nessas afirmações uma tentativa grosseira e despropositada de criação de atritos entre a Federação SOSHINKAI e a SHOTOKAN de Portugal que nós (e estamos convencidos a referida associação) não divisamos interesse em que existam.

10. Finalmente sente-se esta Federação penalizada pelo facto do «Defesa de Espinho» não ter contactado nenhum dos seus directores para um total esclarecimento do decorrido, que na nossa opinião, serviria melhor os Espinhenses e particularmente a massa associativa da AAE no respeitante à obtenção de uma perfeita e completa informação.

11. Na altura em que a Federação SOSHINKAI completa 10 anos de existência em que nunca foi posta em causa a sua intransigente exigência de uma prática de Artes Marciais em moldes o mais próximo possível dos verificados na sua origem, facto que é facilmente comprovado por todos os largos milhares de praticantes e pessoas ligadas a esta Federação que com ela treinam (ou treinaram), entristecemos que sejamos forçados à publicação de um comunicado, facto inédito na vida desta Federação, que infelizmente é alvo de pessoas que de Karaté nada sabem além do nome e que com a sua maneira de proceder não concorrem de forma alguma para o desenvolvimento das Artes Marciais na harmonia e dentro das normas que lhes são peculiares.

Porto, 21 de Setembro de 1976.

A Direcção da Federação SOSHINKAI

Tem este comunicado o único intuito de repor a verdade no seu lugar, não querendo a Federação Soshinkai alimentar qualquer tipo de polémica, aliás inútil.

# Um livro bom um livro barato

«O MUNDO DOS OUTROS» PORTUGÁLIA — 50\$00

O livro bom e (relativamente) barato que hoje apresentamos aos nossos leitores, num convite a que o leiam e dêem a ler, pertence à vasta obra de um autor português bastante conhecido, mas não tanto (e não em todos os meios) como seria de desejar. Referimo-nos a José Gomes Ferreira e ao seu livro de crónicas — melhor: «histórias e vagabundagens» — intitulado significativamente «O Mundo dos Ou-

tros». Um livro que, na sua prosa, que por vezes se diria ser poesia da mais pura, nos revela, como num filme, situações da vida real e diária de pessoas vulgares de todos os dias, sempre na busca da denúncia dos males sociais, mas sem aparecer como um mero panfleto.

Do livro extraímos um texto que ajudará a perceber melhor. E a ter vontade de ler as 233 páginas, esperamos.

## REPORTAGEM DO MEDO

Nas cidades — e nos rios — interessa-me menos o leito pedregoso do que a corrente de pessoas vivas a rolarem por essas calçadas de manhã até à noite, cada qual pegada à sua sombra: esta a chorar porque lhe apareceu morto o canário na gaiola; aquele com olhos de letra a vencer amanhã; outra com o filho moribundo embrulhado no xaile roto; outra, ainda, desventurosa porque lhe fugiu uma malha de meia, e todos com a morte marcada para depois de amanhã.

Descobrir as tragédias e as farsas dessa multidão diária que cobre de carne humana e de tumulto os rossios, as janelas, os eléctricos, os cafés e as tabernas, eis uma das mais deleitosas ocupações do meu destino de espectador das ruas...

...E assim, pouco a pouco, resvalei até este cómodo estado de admitir sem indignação todas as mesquinhas infâmias do dia-a-dia que, em tempos anteriores, segundo garantem os poucos cavaleiros andantes sobreviventes, provocavam, por via de regra, embates, socos e mãos de policia a apartar.

Hoje não. Ainda esta manhã vi um brutamontes, com olheiras de tanguista e ombros de moço de recados, atirar um encontrão a uma velhota para lhe roubar o lugar no eléctrico, e ninguém soltou pio.

A pobre senhora, meio tonta, alheada do que se passava em redor, escancarou os olhos numa fixidez de assombro diante do burburinho do mundo.

Pois da plataforma apinhada de homens válidos, como eu, não saiu um único protesto.

Alguns empalideceram. Oh, sim, alguns

ficaram brancos de cal e cravaram unhas enfurecidas nas palmas das mãos.

Mas o grito não se ouviu.

Bico calado. Ausência completa de dons quixotes. Todos a pensarem nas vidinhas, nos destinos exíguos ao molde da alma de cada um.

Mas todos acabaram por engolir o grito e passar adiante...

Porque os portugueses de hoje, infelizmente, passam sempre adiante...

Vejam, vejam: agora mesmo, no meio da rua aquela mulher, estoricamente gorda, desatou a espancar o filho de 6 anos e olhos enormes do tamanho de todas as lágrimas dos homens.

Porquê? Ninguém percebeu.

E eu, como reagi?

Claro, o meu primeiro pensamento foi este: dar um pulo, fincar-lhe as mãos no pescoço e intimá-la a pedir perdão ao filho, ali mesmo, de joelhos.

Mas com grande espanto meu — cheio de comícios por dentro e de impassibilidade por fora — prossegui friamente o meu caminho, a fumar um cigarro abstracto, com a voz de D. Quixote enterrada na garganta. Há dias, o mesmo vexame.

Uma multidão de palermas desnecessários escarnecia dum doido, e eu passei adiante, sem sequer esboçar a raiva de me insurgir. Como de costume, tornei-me pequenino, meti-me dentro do meu coração de parvo, e o pobre maluco lá continuou a deixar-se esquarterar pelas feras.

...Não protestei. E tu também não. Nem tu que és sócio da Liga dos Direitos

## GAZETILHA

### CANÇÃO DESTA NEGRA VIDA

Não sei de quem se não queixe  
Da fúria em que os preços crescem:  
Sobe a carne, sobe o peixe,  
Mal no mercado aparecem...  
Porque também há carência  
De muitos bens de consumo,  
É, pois, de toda a evidência  
Uma mudança de rumo.  
Bacalhau, é caro e raro,  
Até quando é «escamudo»;  
O «nosso mar» fez-se avaro,  
Só dá carapau miúdo...  
Fruta, hortaliça, batatas,  
Subida geral na «praça»,  
Com pesagens tão exactas  
Que nem o «bicho» é de graça!

Sobretaxas e tarifas,  
Impostos, contribuições,  
O calçado, as alcatifas,  
Vestuário, confecções...  
Não há nada que não suba;  
A vaga das «altas» cresce.  
Ante o «virus» que se incuba,  
Só o poder de compra desce.  
Droga, erotismo, nudez...  
Trilogia da luxúria  
Que se exhibe, mês a mês,  
Numa aberração espúria...  
Requintadas iguarias  
Tão alto voam no espaço,  
Que eu imploro às cotovias  
Que lhes levem um abraço!

— Onde é que isto irá parar,  
Num duo assim «ordenado»:  
Quem vende — «atira a matar»!  
Quem compra — está desgraçado!

Alberto Barbosa (BEKA)

do Homem. Nem mesmo tu, da Sociedade Protectora dos Animais. Ninguém protestou.

Sorrimos todos, pingámos todos, sofremos todos teoricamente, e passámos adiante, curvos de vergonha da nossa raça de dons quixotes: covardes e sem emenda...

Subi lentamente a Avenida e parei na fonte dum dos lagos, a olhar para os peixes. Em baixo, na água, a minha imagem.

Desfi-la com cuspo.

Há momentos em que os homens não têm direito às suas imagens!

JOSÉ GOMES FERREIRA

«O Mundo dos Outros»

## Palavras cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

**HORIZONTAIS:** 1 — Lugar frente ao mar onde as pessoas se passeiam (Espinho) (pl); 2 — Rio que desagua no Cairo; tarada; 3 — Aclarar; Pref. de negação; 4 — Acção de evocar; 5 — Basta!; põe em jogo; 6 — Interjeição muito usada ao telefone; engodo para pescar; 7 — Rep. Democ. Alem. (iniciais); Campeão; Multinacional Americana; 8 — Verão; Nota musical; 9 — Seguia; Textil fibroso; 10 — Cont. da prep. mais art.; Dão cabeçadas (os toiros).

**VERTICAIS:** 1 — Iniciar; utensílio doméstico; 2 — Freguesia do concelho de Espinho; 3 — Interj. designat. de ribombar; Areal coberto de vegetal no deserto; 4 — Grande poeta espanhol assassinado na Guerra Civil de Espanha; Basta!; 5 — Anagrama de aer; Grito de dor; 6 — Acrisola; 7 — Seduzes; Partir; 8 — Piedade; Hesitar; 9 — Acolá; Espada curta oriental; 10 — Sagrada; Antimeridiano.



Melhor Trabalho do Tema A — Regional, de António Ricardo da Fonseca, do Porto, no II Salão Nacional de Fotografia, organizado pela Comissão Municipal de Turismo de Espinho e pela Associação Académica de Espinho. A Exposição dos trabalhos concorrentes a este Salão realiza-se na Piscina de 25 de Setembro a 5 de Outubro